

SÁ CARNEIRO E SUA AUTO-DESTRUIÇÃO

Grasieli Canelles, Raquel Bolzon e Thaianie Socoloski©

RESUMO[©]

Sá-Carneiro, um indivíduo disperso no labirinto do próprio eu, acaba por desintegrar-se: a angústia pessoal do poeta se reflete em sua obra. Sua neurótica fragmentação do ego e seu idealismo fazem com que encare a realidade sob o prisma emocional. Por outro lado, é considerado um grande alquimista verbal moderno, sua consciência e insatisfação provocam o descobrimento de facetas novas e inexploradas. No presente artigo, foram selecionados três poemas de Sá-Carneiro: "Além-tédio", "Como eu não possuo" e "Escavação". Logo, faz-se uma análise desses poemas, considerando-se aspectos da forma e do conteúdo, relacionando-os à literatura que a eles se refere.

PALAVRAS-CHAVE: Sá-Carneiro, Tédio, Destituição.

INTRODUÇÃO

Uma das coisas que o poeta Mário de Sá-Carneiro possuiu em sua confusa e inconstante vida foi a sua própria obra, sublinhada de buscas a um eu ideal, a um lugar ideal, a um tempo ideal. Tanto é que compôs um conjunto de poemas que vão desde uma tentativa de ascensão, passando por um momento de quase alcance ao seu ideal, e chegando à queda, através da qual se dá conta de que mais uma vez não alcançou seu alvo. A essas fases poemáticas, marcadas, ao mesmo tempo, por uma melancolia de vida real, o poeta denominou "Dispersão", uma coletânea de 12 poemas.

Neste trabalho, foram escolhidos três poemas dessa coletânea de Sá Carneiro:

"Além-tédio", "Como eu não possuo" e "Escavação". Logo, faz-se uma análise dos poemas, considerando-se forma e conteúdo, relacionando-os à literatura que a eles se refere.

1 Análise dos poemas

1.1 Além-tédio

- 1 Nada me expira já, nada me vive ---
- 2 Nem a tristeza nem as horas belas.
- 3 De as não ter e de nunca vir a tê-las,
- 4 Fartam-me até as coisas que não tive.

- 5 Como eu quisera, enfim de alma esquecida,
- 6 Dormir em paz num leito de hospital...
- 7 Cansei dentro de mim, cansei a vida

- 8 De tanto a divagar em luz irreal.
- 9 Outrora imaginei escalar os céus
- 10 À força de ambição e nostalgia,
- 11 E doente-de-Novo, fui-me Deus
- 12 No grande rastro fulvo que me ardia.

- 13 Parti. Mas logo regressei à dor,
- 14 Pois tudo me ruiu... Tudo era igual:
- 15 A quimera, cingida, era real,
- 16 A própria maravilha tinha cor!

- 17 Ecoando-me em silêncio, a noite escura
- 18 Baixou-me assim na queda sem remédio;
- 19 Eu próprio me traguei na profundura,
- 20 Me sequei todo, endureci de tédio.

- 21 E só me resta hoje uma alegria:
- 22 É que, de tão iguais e tão vazios,
- 23 Os instantes me esvoam dia a dia
- 24 Cada vez mais velozes, mais esguios.

O poema se estrutura em seis estrofes de quatro versos cada, os quais são decassílabos, predominantemente heróicos, com exceção do verso 13 que possui tensão rítmica com acento tônico recaindo sobre a 2ª, a 8ª e a 10ª sílabas. As rimas alternam-se entre ricas (vs. 2-3, 5-7, 6-8, 10-12, 17-19 e 18-20) e pobres (vs. 1-4, 9-11, 13-16, 14-15, 21-23 e 22-24). São externas, consoantes, intercaladas nas estrofes I e IV e cruzadas nas estrofes restantes.

Verifica-se a presença de antítese entre “tristeza” e “belas horas”, no primeiro verso, por intermédio da qual o sujeito lírico expressa não sentir mais nada, nem nas horas tristes, nem nas alegres; e em todo o verso 6, pois está no hospital porque está doente e, portanto, sofre e não dorme tranqüilo. No verso 17, observa-se paradoxo em “ecoando-me em silêncio”, já que como o eu poético não encontra uma resposta para si mesmo, só sente o silêncio ressoando em seus ouvidos. Metáforas são encontradas: no verso 9, em “escalar os céus”, através da qual representa-se a busca do eu lírico pelo infinito; no verso 15, pois “quimera” não pode ser real; no entanto é uma constatação por parte do sujeito de que nem o seu sonho é mais sonho, já se materializou; e em “endureci de tédio”, verso 20, no qual o eu lírico expressa sua auto-revolta com um sentido que denota rigidez consigo mesmo. Há sonoridade de consoantes nasais ao longo de todo o poema e nos encontros consonantais (“pr”, “tr”) no verso 19. Nota-se também, que os processos (verbos) ao longo do poema são predominantemente materiais, o que possivelmente reflete a angústia do eu lírico na tentativa de usar seu psicológico intensamente para decifrar a si mesmo, a ponto de partir para o plano físico.

Observa-se, na primeira estrofe, um sentimento de negatividade do eu lírico o qual abusa de palavras negativas tais como “nada”, “não”, “nunca”. Pela insistência com que o poeta fala das

coisas inexistentes, essas parecem existir para ele, a ponto até de faltar-se delas.

Na segunda estrofe, 1º verso, “alma esquecida” carrega um sentido de repouso que tenta ser completado pelo 2º verso, mas na realidade não o é, pois esse último se constitui de uma antítese. No 3º e 4º versos dessa estrofe, o eu lírico se cansa da vida.

A terceira estrofe expressa uma impaciência, um apelo à vontade de mudar do eu lírico, pois esse imagina escalar os céus, ser Deus, descobrir o diferente, o além do normal, o Novo, em meio à luminosidade, preciosidade que buscava (“No grande rastro fulvo que me ardia”).

Já na estrofe seguinte, o eu poético tenta fugir (“Parti”), mas, como tudo sempre volta ao normal, ele também o fez (“Mas logo regresssei à dor”), pois se decepcionou (“tudo me ruiu...”) devido à descoberta de que tudo era igual, inclusive o abstrato era material, visível (“A quimera, cingida, era real, / A própria maravilha tinha cor”).

Na quinta estrofe, o eu lírico simplesmente se entrega ao abismo. “Queda sem remédio” tende a significar queda sem volta, sem chance de reestrutura. Em “me sequei todo, endureci de tédio”, o sujeito chega a ser severo consigo mesmo.

Na sexta estrofe, o “eu” faz uma conclusão de suas tentativas de entender como ser diferente sendo o mesmo (“só me resta hoje uma alegria”). Ele ressalta que pelo menos os instantes, monótonos como são, fogem rapidamente, já que ele não pode fugir de si mesmo, para entender a si mesmo e possivelmente mudar.

Sá Carneiro, assim como Baudelaire (apud Friedrich, 1978:43-44), toma o negativo como algo fascinador, no poema analisado. Afinal, como não acha nada novo, nega o igual.

Nas ruínas do cristianismo, de acordo com Friedrich (1978:49), de um lado, tem-se o abismo, a angústia, a desolação e, de outro, o céu, o ideal, a luz. E a idealidade vazia, o indefinido, em referência do autor a Baudelaire é o "Nada". Esse "Nada" e o mistério que gira em torno do ser são correspondentes.

Neste caso, ao tentar ser Deus, em *Além-Tédio*, Sá Carneiro busca o ser divino não para ser ele ou tomar seu lugar, mas para ter o poder suficiente para mudar as coisas a sua volta.

Na sua auto-análise alucinada e trágica, desintegra-se em termos de personalidade, entra em depressão em que desaparece a diferença entre o real e o irreal. Diante disso, desmaterializa coisas, materializa sensações (os títulos ou expressões "Além-tédio", "E doente-de-Novo" servem como exemplos).

1.2 Como eu não possuo

1 Olho em volta de mim. Todos possuem -
2 Um afecto, um sorriso ou um abraço.
3 Só para mim as ânsias se diluem
4 E não possuo mesmo quando enlaço.

5 Roça por mim, em longe, a teoria
6 Dos espasmos golfados ruivamente;
7 São êxtases da cor que eu fremiria,
8 Mas a minh'alma pára e não os sente!

9 Quero sentir. Não sei... perco-me todo...
10 Não posso afeiçoar-me nem ser eu:
11 Falta-me egoísmo para ascender ao céu,
12 Falta-me unção pra me afundar no lodo.

13 Não sou amigo de ninguém. Pra o ser
14 Forçoso me era antes possuir
15 Quem eu estimasse --- ou homem ou mulher,
16 E eu não logro nunca possuir!...

17 Castrado de alma e sem saber fixar-me,
18 Tarde a tarde na minha dor me afundo...

19 Serei um emigrado doutro mundo
20 Que nem na minha dor posso encontrar-me?...

21 Como eu desejo a que ali vai na rua,
22 Tão ágil, tão agreste, tão de amor...
23 Como eu quisera emaranhá-la nua,
24 Bebê-la em espasmos de harmonia e cor!...

25 Desejo errado... Se a tivera um dia,
26 Toda sem véus, a carne estilizada
27 Sob o meu corpo arfando transbordada,
28 Nem mesmo assim --- ó ânsia! --- eu a teria...

29 Eu vibraria só agonizante
30 Sobre o seu corpo de êxtases doirados,
31 Se fosse aqueles seios transtornados,
32 Se fosse aquele sexo aglutinante...

33 De embate ao meu amor todo me ruo,
34 E vejo-me em destroço até vencendo:
35 É que eu teria só, sentindo e sendo
36 Aquilo que estrebucho e não possuo.

O poema "Como eu não possuo" é composto de nove quartetos, sendo os seus versos, na grande maioria, decassílabos heróicos, à exceção do verso 35 que é sáfico. Com relação às rimas, essas são externas, consoantes e, quanto à disposição, apresentam-se de forma cruzada (estrofes I, II, IV e VI) e intercalada (estrofes III, V, VII, VIII e IX). São, também, equilibradamente divididas entre ricas e pobres.

Atentando-se para a análise do conteúdo, o próprio título do poema sumariza a idéia de pessimismo, a partir, também, de um sentimento de indignação que aparece enfatizado pela conjunção "como". Pela primeira estrofe, já se pode perceber o sentimento de desgosto, com relação ao campo afetivo (afeto, sorriso, abraço), que o eu lírico enfrenta, uma vez que, para as demais pessoas, esses gestos e sentimentos são passíveis de realização e ele acredita ser o único incapaz de desfrutar dos mesmos. Essa estrofe

apresenta a construção hiperbólica “Só para mim as ânsias se diluem” (v.3) e o paradoxo “E não possuo mesmo quando enlaço” (v.4). Observa-se que, enquanto a construção hiperbólica confere uma idéia de infortúnio, visto que ele se considera o único a não ter seus desejos realizados, a construção paradoxal concretiza a idéia de impossibilidade de realização.

Na terceira estrofe, configura-se a impossibilidade do sujeito lírico apegar-se a algo e encontrar-se, reconhecer-se como eu: “Não posso afeiçoar-me sem ser eu” (v.10). Nessa mesma estrofe, a construção, ao mesmo tempo anafórica, antitética e metafórica dos versos “Falta-me egoísmo para ascender ao céu / Falta-me unção para me afundar no lodo”, elucida o fato de lhe faltar egoísmo (embora ele já seja extremamente egocêntrico) para “ascender ao céu”, metáfora que implica sua ascensão. O céu é, logo, uma manifestação de transcendência, do sagrado, que simboliza as aspirações do homem; é o lugar onde a perfeição é possível de ser atingida ou de ser encontrada. Em contrapartida, falta-lhe um sentimento de piedade para consigo mesmo, pois, se assim o tivesse, entregar-se-ia ao caos (metaforizado por “afundar no lodo”). Observa-se, com isso, que o dualismo de Sá-Carneiro aparece várias vezes no decorrer desse poema através de construções paradoxais e antitéticas que são reveladoras da incapacidade de conciliação do eu lírico, entre a alma e o corpo.

Na quinta estrofe, através da metáfora “castrado de alma” (v.17), o eu lírico define-se como alguém que é incapaz de alcançar a plenitude. Ele é alguém que não se encontra e que, cada vez mais, vai submergindo. Através do verso “Que nem na minha dor posso encontrar-me” (v.20) percebe-se que ele sofre a fim de poder se encontrar, o que demonstra o drama interior do mesmo.

A partir da sexta estrofe, o campo que era abstrato passa a ser concreto. Os desejos do eu lírico, que até então eram expressos em palavras como “afecto”, “sorriso”, “amizade”, passam para o concreto, o desejo carnal, o que se observa, através do apelo, da observação visual: “tão ágil, tão agreste, tão de amor” (v.24), “nua” (v.22), “toda sem véus” (v.26), “carne estilizada” (v.26), “seios transtornados” (v.31), “sexo aglutinante” (v.32). O desejo ardente de possuir a mulher é construído através do verso sinestésico: “Bebê-la em espasmos de harmonia e cor” (v.24). Na sétima estrofe, o eu lírico afirma que mesmo se ele possuísse carnalmente a mulher de seu desejo, não a possuiria sentimentalmente, ou seja, não possuiria o seu amor.

As aliterações no decorrer do poema são presença marcante e aparecem por meio, principalmente, de sons sibilantes, como em: “Só para mim as ânsias se diluem”/ “E não possuo mesmo quando enlaço” (v.3, 4), “Não posso afeiçoar-me sem ser eu”/ “Falta-me egoísmo para ascender ao céu” (v.10, 11), “Se fosse aqueles seios transtornados”(v.31), “Castrado de alma e sem saber fixar-me”(v.17) e de sons nasais: “Mas a minh’alma...”(v.8), “Quem eu estimasse ou homem ou mulher” (v.15), “Que nem na minha dor posso encontrar-me?...” (v.20). Tais aliterações conferem ao poema uma harmonia imitativa, particular, na tentativa de dar totalidade às sensações sugeridas.

É notável, também, o emprego verbal no decorrer do poema e, como diz Jakobson (1978), “qualquer conduta verbal tem uma finalidade”. Na oitava estrofe, por exemplo, tem-se uma construção anafórica que se utiliza do futuro do subjuntivo, o que configura dúvida, ou, ainda, que ele é dependente de uma condição: “Se fosse aqueles seios transtornados/ Se fosse aquele sexo aglutinante” (v.31,32). A presença do pretérito imperfeito do indicativo “quisera”, “tivera”, e do futuro do pretérito “vibraria” e “fremiria”,

complementa a temática de inacessibilidade e de irrealização que é expressa no poema.

Como não poderia deixar de ser, em um poema em que o egocentrismo impera, prevalece o emprego dos verbos da primeira pessoa do singular: "olho", "posso", "enlaço", "quero", "perco-me", "posso", "falta-me", "sou", "logro", "serei", etc. O emprego do verbo defectivo "ruir" se faz de maneira diferenciada, uma vez que esse verbo não é passível de conjugação na primeira pessoa do singular, e Sá-Carneiro o conjuga. A concordância verbal também não é obedecida no verso 31, visto que o verbo é empregado no singular e o seu objeto está no plural ("Se fosse aqueles seios transtornados"). Estratégias de violar a linguagem normativa como essas e a criação de novos vocábulos são freqüentes nos poemas de Sá-Carneiro, pois, através delas, o sujeito lírico pretende manipular fórmulas expressivas pessoais. Isso tudo vem ao encontro do que Fernando Paixão (1982) diz da poesia moderna: "... a característica marcante da poesia é a de recriar o significado das palavras, colocando-as num contexto diferente do normal".

Em síntese, ao longo desse poema, podem-se fazer válidas as palavras de Fernando Paixão (1982): "Envolvido pela paixão, pela alegria ou pela tristeza, o poeta pode conceber as imagens mais alucinadas (...). O que importa para ele não é veracidade ou a verdade dos fatos; importa sim que esteja escrevendo aquilo que sente, em palavras que transmitam a sua visão de mundo, seja qual for, e mostrando seu combate com a vida." E é isso, exatamente, que está presente nesse e nos demais poemas de Sá-Carneiro, em que ele escreve o que sente, ou seja, ele faz da poesia o modo de expressar a sua realidade interior.

1.3 Escavação

1 Numa ânsia de ter alguma coisa,

2 Divago por mim mesmo a procurar,
3 Desço-me todo, em vão, sem nada
achar,
4 E a minh'alma perdida não repousa.

5 Nada tendo, decido-me a criar:
6 Brando a espada: sou luz harmoniosa
7 E chama genial que tudo ousa
8 Unicamente à força de sonhar...

9 Mas a vitória fulva esvai-se logo...
10 E cinzas, cinzas só, em vez de fogo...
11- Onde existo que não existo em mim?

.....
.....

12 Um cemitério falso sem ossadas,
13 Noites d'amor sem bocas esmagadas -
14 Tudo outro espasmo que princípio ou
fim...

O poema é um soneto interrompido, ou seja, possui quatro estrofes distribuídas entre dois quartetos e dois tercetos, e, entre os tercetos, apresenta-se um dístico de linhas pontilhadas. Com relação aos elementos estruturais da linguagem poética, há que se considerar que os versos são, em sua maioria, decassílabos heróicos, à exceção do verso 3, que é sáfico, e dos versos 12 e 14, que apresentam tensão rítmica na quarta, sexta, oitava e décima sílabas, podendo ser, portanto, sáficos ou heróicos. A rima, por sua vez, classifica-se como sendo externa, consoante, em sua maioria rica, com exceção dos versos 2 e 3, 5 e 8 em que é pobre.

A composição do poema é caracteristicamente narrativa, como se o sujeito estivesse narrando uma de suas tentativas de entendimento consigo mesmo. Uma vez que "poema é a expressão verbal artística (rítmica ou melódica) de um estado de espírito; poema é a fixação material da poesia, é a decantação formal do estado lírico" (Coelho, 1986), são as palavras, os versos e as estrofes que se escrevem e assim transmitem o "estado lírico" do poeta.

Desse modo, “poeta e tão-somente poeta, inclusive nos contos, no teatro e na narrativa, Mário de Sá-Carneiro ocupa lugar à parte na evolução histórica da Literatura Portuguesa, tal a marca de individualidade e originalidade que imprimiu a tudo quanto escreveu. Seu caso pessoal condicionou-lhe a obra, e essa corresponde a um registro vivo dele” (Moisés, 1985).

Assim, perpassa pelo poema a idéia de o sujeito, em sua individualidade (marcada pelas expressões “por mim mesmo”, v. 2, “Desço-me todo”, v. 3, “minh’alma”, v. 4) e originalidade, voltar-se angustiadamente para a própria alma. Com o título do poema, “Escavação”, depreende-se o efeito de o eu lírico “escavar”, de sondar sua alma “na esperança de se encontrar ao atingir o seu “eu” profundo, ou de encontrar o espaço adequado à sua inquietação sideral” (Moisés, 1985). A “escavação” corresponderia, então, à peregrinação do eu lírico em sua alma, na busca de um sustentáculo qualquer.

Tal idéia de busca do eu lírico em si mesmo, na tentativa de encontrar-se, é simbolizada, no decorrer do poema, nos versos 2 e 3 (“Divago por mim mesmo a procurar” / “Desço-me todo, em vão, sem nada achar”). Com o primeiro verso do poema “Numa ânsia de ter alguma coisa”, ilustra-se a angústia do eu lírico na “escavação” do seu eu profundo. Há, então, a procura, em síntese, de um suporte interior para compensar a falta de um equivalente fora de si, em que o sujeito lírico “carece precisamente daquilo sem o que na sua geração se percebe mergulhada no caos: uma verdade absoluta que desfaça as contradições erguidas pela inteligência ao se descobrir cercada duma cadeia de relativismos e voltada a uma vida sem rumo” (Moisés, 1985). A inquietação angustiante do eu lírico na peregrinação pela sua alma mistura-se a sensações depressivas e derrotistas “E a minh’alma perdida não repousa” (v.4).

Observa-se, no poema, a tentativa de exploração do inconsciente pelo eu lírico, que, em se tratando de “nada ter, decide-se a criar”. O sujeito lírico entrega-se ao fluxo das ondas oníricas, que remete ao vago, ao ato de divagar, “unicamente a força de sonhar”.

Num primeiro momento do poema, confirma-se a “escavação”, na ânsia da busca de encontrar-se (“a procurar” v. 2, “sem nada achar” v. 4). Num segundo momento, o eu lírico procura encontrar algo em si que faça sentido, na fuga de “criar” e “sonhar”. Isso corresponde a dizer que, se num primeiro momento o eu lírico divaga em vão sem nada achar, num segundo momento o mesmo “Branda a espada: é luz harmoniosa” (v. 6), “E chama genial que tudo ousa” (v. 7).

No terceiro momento do poema, há uma quebra de expectativa no que diz respeito ao que fora construído nos momentos anteriores. Tal dispersão já fora assinalada no término do segundo momento, em que o sujeito “tudo ousa *unicamente* a força de sonhar”. Desse modo, no terceiro momento, marcado pela presença de reticências que remetem a uma atmosfera do vago, do impreciso, há a afirmação de que tal “vitória”, anteriormente apontada pelo “brandiar da espada”, esvai-se logo. Representa-se, assim, a fragmentação do eu lírico, a trágica nitidez dos desertos em que erra seu desespero. Pode-se ainda afirmar que, na oposição estabelecida em “cinzas só, em vez de fogo”, o que resta em si são apenas vestígios de derrota, de destruição, de morte, de uma chama “de vida” que outrora acendera, porém da qual restam agora somente cinzas.

No verso “-Onde existo que não existo em mim?” (v. 11), há a indagação do eu lírico a respeito de sua própria existência, de um sentido de viver, “de ser-no-mundo”. Desse modo, o que se configura é um sujeito lírico incapaz de realizar-se, inseguro, falso.

Tal indagação segue-se de uma suspensão simbolizada por um dístico de linhas pontilhadas, que se interpõe entre o terceiro e o quarto momentos do poema, na tentativa de o eu lírico encontrar uma resposta para a sua procura interior.

No quarto momento do poema, configura-se a submersão trágica do eu lírico, quando tudo são “espasmos” de uma busca infundável e angustiante de um “eu profundo” que não faz sentido. O que existe para o eu lírico é “Um cemitério falso sem ossadas”, “Noites d’amor sem bocas esmagadas”, um ser inadaptado ao mundo, que existe para os outros, mas que não existe para si, que não consegue encontrar a si mesmo. Assim, a “escavação” do eu lírico resume-se a “outro espasmo que princípio ou fim”, ou seja, a tentativa de recomeçar a peregrinação pela sua alma ou o entregar-se a sensações depressivas, melancólicas e angustiantes, a caminho do fim, do suicídio em plena mocidade.

CONCLUSÃO

Sá-Carneiro, caracterizado como um ser de dispersão no labirinto do próprio eu, acaba por desintegrar-se e desintegrá-lo. Sua angústia pessoal se reflete em sua obra. Sua neurótica fragmentação do ego, seu idealismo, faz com que ele encare a realidade sob o prisma emocional. Por outro lado, é considerado um grande alquimista verbal moderno, sua consciência e insatisfação provocam-lhe o descobrimento de facetas novas e inexploradas, segundo Moisés (1985: 465). O mesmo autor revela que a marca de Sá Carneiro é a individualidade e a originalidade; possui uma sensibilidade aguçada ao extremo do delírio e da loucura, o que se reflete em uma sensação de alheação à vida, sendo essa igual e totalmente estranha. Os poemas analisados nada mais são do que a soma e a exteriorização de suas características psicológicas.

“Quando o processo de estranheza atinge o máximo, o poeta se volta angustiadamente para a própria alma, cujo labirinto passa a sondar na esperança de se encontrar ao atingir seu “eu” profundo, ou de encontrar o espaço adequado a sua inquietação sideral” (idem:249). Ele procura um suporte interior para compensar a falta de um equivalente fora de si. Sem rumo, o poeta se vê no caos, apela para o sobrenatural.

Mas, como o próprio Fernando Paixão (1982:14) pontua, “na linguagem poética, o que o leitor percebe são as oscilações a que o sujeito (o poeta) está submetido diante dos mistérios das sempre misteriosas relações humanas”. Se, para o mesmo autor, escrever poemas é estar constantemente a dar respostas à questão de o que é viver, neste lugar e nesta hora, Sá Carneiro está no seu viver, no seu lugar e na sua hora.

Em tais poemas, tem-se como marca mais forte a obsessiva presença do eu e a consciência da sua incapacidade de ser e de ter. Vários vértices de sua personalidade, como o anseio de fuga, a busca do ideal da beleza e o apelo sensorial, fazem-se presentes ao longo de seus poemas. Neles se observam, também, traços de expressão simbolista, como a marcada presença de sinestésias, a maneira como a estrutura estrófica, rítmica e métrica se apresentam e a utilização de vocábulos próprios dessa estética, tais como: além, cor, alma, mistério, luz, etc.

Friedrich (1978:37-41) salienta que Baudelaire (segundo Poe) acredita que o trabalho poético é sentido pela fantasia e não pelo coração, sendo a fantasia guiada pelo intelecto. Baudelaire é um homem completamente curvado sobre si mesmo, mas, quando compõe poesias, fala de si mesmo, na medida que se coloca como vítima da modernidade, o que gera angústia, impossibilidade de evasão, ruínas frente à idealidade ardentemente querida. Para tanto, a salvação da poesia consiste na

linguagem, enquanto o conteúdo permanece em sua insolubilidade. Sá Carneiro, logo, partilha das mesmas tendências de Baudelaire.

Assim, Mário de Sá-Carneiro, poeta sempre e acima de tudo, é guia de um mundo que começa, e vítima derradeira de um mundo que finda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERARDINELLI, Cleonice. **Mário de Sá Carneiro/Poesia**. Rio de Janeiro: Agir, 1958.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e Linguagem**. São Paulo: Quíron, 1986.

FRIEDRICH, Hugo. *Perspectiva e retrospecto*. In **A estrutura da lírica moderna**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 1985.

_____, _____. **A Literatura Portuguesa através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 1985.

PAIXÃO, Fernando. **O que é Poesia**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

JAKOBSON, R. *Lingüística e Poética*. In **Lingüística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1978.

NOTA

© Trabalho desenvolvido na disciplina de Literatura Portuguesa III do Curso de Letras da UFSM pelas acadêmicas do quinto semestre do Curso de Letras.